

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Criar e descompor: trabalhando composição coreográfica na escola

Marina Timm Medeiros – acadêmica do Curso de Dança Licenciatura da UFPel
Andrisa Kemel Zanella – profº do Curso de Dança Licenciatura da UFPel

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência do estágio realizado no curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública do município de Pelotas. A temática centrou-se no criar e descompor, enfatizando uma prática voltada para a composição coreográfica. Busco no decorrer do trabalho refletir sobre o vivido, a partir de uma breve análise comparativa entre as duas turmas, enfatizando pontos convergentes e divergentes das aulas realizadas.

O presente texto caracteriza-se por ser um relato de experiência do estágio realizado na disciplina de Estágio em Dança III, do curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. A proposta enfocou a composição coreográfica, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública do município de Pelotas, nos meses de junho e julho de 2018, com o tema "Criar e Descompor: Aprendendo a desconstruir a criação, focado no conteúdo de composição coreográfica". Busco nesta escrita, a partir da prática relatada, fazer um comparativo entre as duas turmas acima citadas, enfatizando pontos convergentes e divergentes das aulas realizadas.

A dança, mesmo sendo apresentada na escola muitas vezes como uma atividade extracurricular ou em datas festivas, tenha um papel fundamental na formação do aluno que tem a oportunidade de ter essas aulas. Como professora que irei ser, acredito ser de grande importância realizar a prática e posteriormente a reflexão sobre ela. Pensar nas atividades, planejar, viver o processo, influenciará em minhas escolhas como educadora quando estiver na escola.

Trabalhar com o que os jovens vivem em seu cotidiano é a melhor opção de envolvê-los em uma proposta com dança. A partir dos estudos de Marques (1996) pude constatar

> que as atividades físicas e/ou padrões de movimento apreciados por estes alunos também podem interferir na maneira com que vivem temporal e espacialmente em seu cotidiano. A dança experimentada concretamente – e não virtualmente – possibilitou-lhes uma ampliação do vocabulário corporal que pode também lhes permitir uma outra forma de se apropriarem de seus corpos, de estarem no mundo e de se comunicarem com ele. (MARQUES, 1996, p. 11)

A partir desse apontamento, podemos refletir em como o adolescente se comunica com o seu próprio corpo, a partir de quais referências esse jovem se baseia para ter o entendimento de dança para si. O que está mais próximo deste aluno, o que faz ele querer reproduzir o que está vendo ou escutando. Apesar da grande quantidade de “passos prontos”, que são meramente reproduzidos, sem o entendimento de movimentação, tudo isso pode ser muito bem aproveitado. Quando trago o tema “Criar e Descompor”, penso que se cria, mexe com o que já está criado, descontrói o que se criou e o que foi criado.

Com a composição coreográfica, pôde-se mostrar aos estudantes o quanto a dança está presente em suas vidas, e que ela pode surgir de muitas coisas que nem podemos imaginar. Todo dia, toda hora, a cada momento, a dança acontece ao nosso redor. Assim, quis mostrar aos alunos que eles podem fazer dança, podem criar a partir de vários estímulos, e que o que já foi criado pode ser mudado, remontado, reformulado, enfim, o que eles gostam e veem pode se tornar uma “dança diferente” da que eles já conhecem. Durante todo o tempo que passamos juntos, busquei criar várias dinâmicas e atividades para que pudessem compreender o que realmente significa a dança, o que pode ser dança.

Para realizar as aulas, tracei um objetivo geral, que era o de apresentar meios para a criação coreográfica, bem como partes constituintes do processo de criação. Posso aqui já comentar que este objetivo foi atingido, pois em todas as aulas, no mínimo uma dinâmica para criação foi realizada.

A metodologia utilizada foi inspirada na abordagem triangular, usando as três bases ver, contextualizar e o fazer artístico. As aulas foram na sua maioria práticas,

com alguns momentos teóricos. A prática predomina, porém, é de extrema importância uma breve contextualização, além da conversa e debates durante as atividades. Neste sentido, procurei uma abordagem focada na aprendizagem do aluno, onde conseguiram trazer sua bagagem para dentro da sala de aula. Assim, trabalhei com a utilização da vivência anterior do aluno, incorporando conhecimentos e saberes ao que já existe.

Muitos jovens tem uma ideia de coreografia, assim como as pessoas no geral, como fala Alves (2007), que logo se pensa em uma série de movimentos. Segundo ele,

> Quando pensamos na coreografia, logo nos vem à cabeça a série de movimentos articulados que a constitui. É fato que a coreografia assim figura na sua constituição fenomênica. Ela é um conjunto de movimentos, que suscitam possibilidades de sentido que justificam sua efetuação. ” (ALVES, 2007, p. 3).

Neste sentido, usei a Composição Coreográfica como conteúdo principal de todas aulas. A partir daí, acrescentei como parte fundamental das aulas a improvisação e a coordenação motora.

Após a reflexão sobre o conteúdo, é importante ressaltar o contexto comparativo que se deu o estágio, por ter sido realizado em duas turmas de diferentes anos. O mesmo planejamento foi desenvolvido nas duas turmas igualmente, porém havendo pequenas alterações. Essas alterações se davam no modo como era conduzida as atividades, na maneira de falar com os alunos, mas o conteúdo se mantinha o mesmo, a composição coreográfica. A turma do 7º ano contava com 25 alunos, enquanto que a de 2º ano do ensino médio tinham apenas 3 alunos (a aula de Artes acontecia no horário inverso). Devido a essa diferença de alunos entre as turmas, as atividades acabaram acontecendo um pouco diferente.

Ao observar a turma do 7º ano, pude perceber que são alunos que tem diferentes particularidades, uns mais agitados que outros. Mas não é nada além do que uma turma de 7º ano faça, como conversas e brincadeiras entre si. Existia certa relutância para começar as atividades e alguns alunos não queriam participar, mas sempre me ajudavam na organização e quase toda a turma participava das atividades.

Com esse perfil, eu preferi não levar os alunos para a sala de dança, pois no deslocamento perderíamos um bom tempo de aula e haveria muita dispersão (como houve, mesmo em sala de aula). Mas mesmo com isso, acredito ter sido muito valioso fazer em sala de aula, porque além de ser um espaço suficientemente grande para realização da prática, os alunos já sabiam como seria a aula e adquiriram o hábito de me ajudar a colocar as classes para trás antes de começar a aula, o que é um ponto muito positivo.

Com a turma do 2º ano do Ensino Médio aconteceu a mesma coisa, mas por ter 3, ou às vezes 4 alunos presentes, as aulas eram bem mais “tranquilas”, digo isto porque eram poucos e assim não havia tanta dispersão. As aulas com a turma do 2º ano acabavam sendo mais rápidas e como era um horário inverso assim que acabavam as atividades os alunos estavam liberados para deixar a escola. Pude perceber alunos um pouco mais acanhados, mas bastante participativos, justamente no Ensino Médio, que eu temia que fosse ser muito difícil conseguir trabalhar.

Nas aulas de composição coreográfica, cada um teve seu jeito de colocar os elementos estudados, como deslocamentos, percepção espacial e ações físicas, uns com mais facilidades do que outros. Mas, o mais interessante foi ver a saída que cada um encontrou para realizar as movimentações, pois cada atividade chegou de forma diferente para o corpo dos alunos.

A fim de ensinar como criar e como desconstruir a dança e de como o corpo se prepara para realizar os movimentos necessários, pude perceber que hoje, os alunos das turmas compreendem os princípios básicos da composição coreográfica, entendem como podem criar, atendendo aos objetivos propostos. Neste sentido, a vivência em duas turmas extremamente diferentes e o olhar diferenciado para elas foi muito enriquecedor para mim. Elaborar um planejamento e desenvolver nas duas turmas, me possibilitou experienciar a docência unindo os conteúdos e a interação com os alunos de diferentes idades, sendo um grande ganho para a minha conduta como professora.



Imagem 1: 7ºC em seu último dia de aula.



Imagem 2: 2º A realizando uma atividade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flávio Soares. Composição Coreográfica: traços furtivos de dança. *TFC*, Ed. 01, Ano 4, 2007.

MARQUES, Isabel. O corpo nas vozes e nas danças da cultura jovem. *Pró-Posições*, v. 7, nº 3, p. 5-16, 1996.